

RUA AZARIAS DE MELLO

Ato nº 25 de 29-06-1931

Formada pela rua 11 do Arruamento Bueno de Miranda

Início na rua Ary Barroso

Término na Avenida Nossa Senhora de Fátima

Taquaral

Obs.: Ato assinado pelo Prefeito Orosimbo Maia.

AZARIAS DIAS DE MELLO

O maestro Azarias Dias de Mello nasceu em Piracicaba, SP, em 19-03-1834 e faleceu em Campinas, em 17-11-1912. Vindo para Campinas em 1863, nesse meio século em nossa cidade, foi admirado e querido, quase que venerado, por tudo que realizou no campo da arte, do ensino e da filantropia. Ensinou, compôs e regeu música. A maior parte de seus alunos recebiam aulas gratuitas, embora fosse pobre. Contam-se entre seus discípulos a grande Maria Monteiro, os maestros Roriz e Moreira Lopes, coronel Antonio Alvaro, professores Luiz Gonzaga Monteiro e Cerqueira Monteiro e tantos outros, chegou a ser considerado o melhor diretor da melhor corporação musical do Estado. Quando em 1870 os irmãos Eliziário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha fundaram a "Banda Mato Dentro" foi Azarias quem a dirigia, até sua dissolução, em 1875. Fez renome pela execução que imprimia às mais difíceis composições. Suas produções sacras e profanas atravessaram mais de uma geração artística, porém seu despreendimento, fez com que se espalhassem, sendo pouquíssimas as existentes. Na quadra epidêmica que enlutou Campinas, devastando famílias e espalhando o terror, o velho Azarias deixou as sugestões poéticas da harmonia para empunhar o pálido santo da caridade. Lutou ao lado dos poucos que afrontaram a morte, na hora suprema da desgraça. Foi um grande apóstolo vencedor e merecida é a homenagem que Campinas prestou-lhe, incluindo o seu nome no mármore comemorativo da Sé campineira. Foi sócio benemérito da Beneficência Portuguesa e prestou grandes auxílios à construção da Santa Casa e, enquanto teve recursos, protegeu os artistas que aqui aportavam. Desempenhou importantes missões maçônicas, batendo-se ardorosamente pela emancipação dos escravos e proclamação da República. Mais que maestro distinto, um batalhador infatigável em prol do engrandecimento campineiro. Seu enterro foi concorridíssimo e a ele compareceram cinco bandas musicais e três orquestras, fardadas e completas. Deixou quatro filhos.



A S B A N D A S D E C Ã

XIII

Campinas, desde a metade do século passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas", com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido como "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse



RETALHOS DA VELHA CAMPINAS

163

e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Corte Imperial. "Maneco Músico", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vezes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rãpazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tonico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), formavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do rígido "Maneco Músico", que passa a tomar parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorfênicas". "Juca Músico", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorfênica": "Chico Pingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Músico". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorfênica", dirigida também por aquele maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes; o rãbula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico" e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca



Músico", para desgosto deste, era também conhecida como a "Banda de Baixo", em vista da séria concorrência que lhe fazia a então "Banda Romana", dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a "Banda de Cima". Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas "Banda da Santa Cruz" e a "Euterpe Infantil", que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a "Banda Mato Dentro", dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de "Juca Músico" e a "Banda Fazenda S. Maria", compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Vilela. Com a morte de "Maneco Músico" ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1868, Sant'Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a "Banda Carlos Gomes", em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada "União Operária", sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de indole artistica resolvem os italianos arregimentar os "paisanos" interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a "Banda Italo-Brasileira" que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



RETALHOS DA VELHA CAMPINAS 167

na maioria de origem italiana: Giuseppe Troiano, Romualdo Suriani, Panfilo Sabatini, Giovanni Suriani, Miquel de Felippis, Gabriel de Vasconcelos, Ernesto Ricci, Benjamin C. da Silva, Pompeu de Túlio Sobrinho, Martinho Badhe, Carlos e Clemente Hilchner, Paulo Suriani, Marotta Antonio, Marcos Vivarelli, Atilio Dangieri, Giustino Scamuffo, Domenico Curcio, Francisco Tullio, Humberto Troiano, Natale Salateu e Francisco Vevoni. Com o passar do tempo notava-se que o aparecimento da "Banda Italo-Brasileira" provocou o surgimento de novas corporações de música e dentre elas podemos apontar: "Banda da Fazenda Chapadão", "Banda da Fazenda Recreio", ambas sob a regência de Leoncio da Silva, "Soc. Musical Lira de S. Benedito" com a regência de Luiz Monteiro, "Banda Brasileira" do maestro Salvador Bueno de Oliveira, "Banda Garibaldi", "Musical Campineira de Homens de Cór", dirigida por João de Oliveira, "União Campineira de Cór", "Banda Progresso"; fundada por Giuseppe Troiano, em fins de 1913, isso sem contarmos com inúmeras "charangas" que existiam e das bandas militares, que pertenciam ao governo. Em 1905, sob a direção do maestro Zimbres, é organizada a famosa "Banda do Boi", corporação que durante muitos anos divertiu o povo campineiro nas épocas carnavalescas. Em 1909, a "Banda Italo-Brasileira", comemorando o seu décimo quarto ano de existência, fez realizar grandiosa retreta no então "Jardim Público" (hoje Praça Imprensa Fluminense) que ficou totalmente tomada. Foram convidadas muitas personalidades da cidade de São Paulo e do interior, que não regatearam aplausos à então famosa banda que ia se tornando conhecida como uma das mais perfeitas das existentes no país. Por certo ainda está gravada nos corações dos antigos campineiros esta festa em que tomaram parte os seguintes músicos, sob a batuta do não menos famoso Troiano: Marco Vivarelli, Francisco Tullio, Constantino Suriani, Paulo Suriani, Emilio Rosini, Raul da Luz, Diogo I. Bratfish, Atilio Dangieri, Augusto Moreira, Domenico de Curcio, Miguel de Felippis, Olivio Trevisalli, João Suriani, Natale Salateo, Humberto Troiano, Justino Scamuffo, Lourenço Luppi, Palmerino Suriani, Pampilo Sabatini, Martinho Badhe, Olivio Catuzzo, Leopardo Russo, Jaime Pires, Pompeo de Tullio e Giuseppe Pizzati, este último, apesar de seus



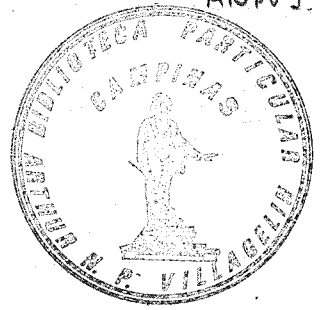
longos janeiros às costas, pode ser visto nas retretas que são realizadas atualmente no coreto da Praça Carlos Gomes. Naqueles mesmos dias, durante os festejos que se realizavam, José Veneri é aclamado presidente benemérito pelo muito que havia feito em benefício da "Banda Italo-Brasileira" e, além daquele cavalheiro, podemos apontar a figura do saudoso Domingos Paulino, outro elemento que muito trabalhou em prol da música em nossa terra: foi eleito por diversas vezes, presidente da "Banda Italo-Brasileira" e em 1911 eleito também presidente da "Banda Carlos Gomes". Os anos foram decorrendo e pelas trilhas que a "Banda Italo-Brasileira" ia passando, ficavam os sulcos de grandes sucessos que se acumulavam de ano para ano. Quando dos festejos do centenário de 1922, aquela corporação é convidada a tomar parte dos mesmos, que se realizavam no Rio de Janeiro, com a presença de Epitácio Pessoa, então presidente da República e do Rei da Bélgica, que se achava em visita ao nosso país. Os componentes da Banda foram aplaudidos freneticamente por todas as altas autoridades ali presentes. Essa caravana havia sido organizada e dirigida pelo jornalista Álvaro Ribeiro que, em companhia de Domingos Paulino, não mediu esforços e sacrifícios para poder apresentar ao povo brasileiro uma corporação digna do nome de Campinas. Mais tarde outras bandas musicais foram organizadas, entre elas a "Corporação Musical Campineira dos Homens de Côr", fundada pelo maestro João de Oliveira e atualmente dirigida pelo sr. Venâncio Pompeo, que vem servindo o público campineiro desde 11 de junho de 1933, data de sua fundação e "Banda Santa Cecília", fundada em 1946, que também vem cooperando nas retretas que se realizam em nossa cidade. Quando da última Guerra Mundial, por questões políticas, a Banda "Italo-Brasileira" foi obrigada a ter outra denominação, passando a ser conhecida até hoje como "Banda Carlos Gomes".

As grandes corporações musicais que Campinas possuía no passado ficaram reduzidas a três, que lutam com dificuldades e à continuar assim, em breve, não teremos mais retretas musicais em Campinas, pois não temos no momento nem direito de afirmar que as "bandas de cá" são melhores que as "bandas de lá"...

(Extraído de fls. 161 a 169 do livro "Retalhos da Velha Campinas" de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Empresa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, Campinas, SP, 1970)

RUA AZARIAS DE MELO

Ato nº 25 de 29-julho-1931



AZARIAS DIAS DE MELO radicando-se em Campinas em 1863, destacou-se como um dos mais competentes e profícuos ba talhadores pela difusão musical nesta cidade. Em 1878, lecionava nos colégios locais, atuando como regente da Banda "Carlos Gomes". Extremamente modesto, conhecendo vários instrumentos, Azarias Dias de Melo lecionando a grande número de meninos e jovens, forma uma banda infantil que, aos domingos, exibia-se no Jardim Público, despertando entusiasmo pela sua disciplina e afinação.

Caritativo e amigo de todos, jamais teve de seu que não repartisse com os necessitados. Seu nome acha-se inscrito na lápide colocada na Catedral em homenagem aos benfeitores da cidade na ocasião da epidemia de Febre Amarela. Fundou orquestras, dedicando-se à composição e regência, e como geralmente acontece aos verdadeiros artistas, mostrou-se despreendido dos bens materiais que a sua arte poderia proporcionar. Em 1909, achando-se em extrema penúria, seus amigos promoveram um festival beneficente cujos resultados pouco minoraram suas condições. Envelhecido e doente, com o pensamento sempre voltado para a música que era a razão de seu viver faleceu em novembro de 1912, repousando no Cemitério da Saudade num jazigo simples e modesto, como modesto fora o seu viver, homenagem de amigos e admiradores.

(Extraído de fls. 07 e 08 do Suplemento "Historia de Campinas", de autoria de José de Castro Mendes, do jornal "Correio Popular". Suplemento nº 17 de 13-fevereiro-1969).

*Faleceu em
16-17 de 18-11-1912*

anpv/08/1984

RUA AZARIAS DE MELO

Ato nº 25 de 29-julho-1931



1912 — E' sepultado o Maestro Azarias Dias de Melo um dos grandes batalhadores do ensino musical de nossa terra. Fundou bandas, dirigiu orquestras e apesar de modesto e pauperrimo lecionava gratuitamente a meninos inclinados para a arte, formando uma corporação juvenil, que se exhibiu publicamente com grande sucesso.

(Recorte da secção "Nossa Cidade", de autoria de Brasulio Mendes Nogueira, no "Jornal de Campinas", de 18-novembro-1962)

anpv/08/1984

NUA AZARIAS DE MELO

Na secção "Efemérides Campineiras", de autoria e responsabilidade do historiador José de Castro Mendes, inserida no jornal "Correio Popular" de 02-fevereiro-1962, diz:

"1874 - No Teatro São Carlos realiza-se grande concerto vocal e instrumental em benefício do maestro Azarias Dias de Melo um dos grandes batalhadores do ensino da arte musical em nossa cidade".



Vista, começa na rua Carlos de Campos; — “Rua Quintino Bocayuva”, a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praça; — “Rua Dr. Braulio Gomes”, a rua travessa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e a Estrada de Ferro Paulista; — “Rua Dr. Angelo Simões”, a rua que são da Avenida Saudade e vai á Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Travessa da Abolição); — “Rua Dr. Melcher”, a rua Travessa da Buargue de Macedo entre Carolina Florence e a Estrada de Ferro Sorocabana; — “Rua Cudros Baretto”, a travessa que que vai da Avenida da Saudade á Estrada de Ferro; — “Rua Salles Lemé”, a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Betim na Villa Marietta; — “Rua Dr. Lopes Trovão”, a penultima travessa da rua Paula Bueno no Taquaral; — “Rua Dr. Octavio Machado”, a ultima rua, travessa da Paula Bueno, no Taquaral; — “Rua Coronel Moraes”, a 2.ª rua parallelá á Fumilense e Buargue de Macedo, no Guanabara; — “Rua José do Patrocínio”, a rua marginal á Fumilense, no Guanabara, parallelá á Cel. Moraes; — “Rua D. Anna Euprosima”, a rua 1.ª parallelá á I.ª de Marco, no Guanabara, entre Buargue de Macedo e Fumilense; — “Rua Dr. Buargue de Macedo”, a rua conhecida já com esse nome, no Guanabara, entre Carolina Florence e Raphael Sampaio; — “Rua Mac-Hardy”, a rua n.º 2 do arruamento Picobalto; — “Rua Elias de Souza”, a rua parallelá á Salles Oliveira, no centro do cruzamento das ruas Antonio Beato e Carlos de Campos; — “Rua General Bento Bicudo”, a rua situada entre a Avenida do Pará e a Estrada de Ferro Paulista — penultima transversal; — “Travessa Maria Monteiro”, a travessa parallelá á rua Americo Brasiliense.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução do presente acto competir, que o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nelle se contém.

Campinas, 29 de Junho de 1931.

Orosimbo Maia.

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.

O Secretário,

Amilcar Alves.

ACTO N. 23

(*Denominação de ruas*)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve:

Artigo 1.º — As vias publicas abaixo mencionadas ficam do-
ra-avante, assim denominadas:

“Rua Dr. Betim”, a rua que vai da Avenida da Saudade, perto do antigo Hospital de Isolamento, á estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — “Rua Antonio Lapa”, a 1.ª parallelá á Rua Dr. Emilio Ribas, no Cambuhy, vulgarmente chamada rua Eça Espiranga; — “Rua Azarias de Mello”, a 1.ª rua parallelá á rua Paula Bueno, no alto do Taquaral; — “Rua Barão de Pirapitinguy”, a rua que fica parallelá á Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulú de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Dr. Silva Mendes”, a rua n.º 5, 2.ª parallelá á Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Barão de Ibiungá”, a rua 8 da Villa Industrial, parallelá á Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — “Rua Jorge Miranda”, a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro á rua Paula Bueno; — “Rua Sampaio”, a rua hoje denominada Travessa Sampaio, na Villa Póvoa (Cambuhy) parallelá á Parreto Iênc; — “Rua Americo Brasiliense”, a rua n.º 1 da Villa Almeida; — “Rua Dr. Delphino Cintra”, a rua que fica entre José Pablimo e Hercules Florence; — “Rua Falcão Filho”, a que vai da rua Marechal Deodoro a Hercules Florence; — “Rua Barata Ribeiro”, a que da Av. D. Libânia vai á Rapura — 1.ª parallelá á rua do Sacramento; — “Rua Drogueinho”, a rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no bairro do Cambuhy; — “Rua Oswaldo Cruz”, a rua 2.ª parallelá á Baroneza Geraldo de Rezende — da rua Carolina Florence á Paula Bueno; — “Rua Padre Almeida”, a rua 2.ª parallelá á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Souza Lima”, a 3.ª parallelá á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Rodrigues Alves”, a rua parallelá á Estrada de Ferro Mogyana — Começa na rua Salustiano Pontado, no Jardim Paulista; — “Rua Julio Frank”, a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da Fumilense; — “Rua Roque de Marco”, a rua Bom Retiro, na Bela